

Apresentação

A inovação é uma atividade, como já apontaram o economista Joseph Schumpeter ([1912]1982) e, mais recentemente, o geógrafo David Harvey (2016), revolucionária e que metamorfoseia as relações sociais.

São muitas atividades que hoje podem ser consideradas inovadoras e que são abordadas pelos textos que compõem este Dossiê. Há inovações na produção das mercadorias, nos processos de produção, no gerenciamento e gestão das empresas, na proposição de políticas públicas, no âmbito educacional, nas estratégias de planejamento urbano e metropolitano, nos procedimentos metodológicos de análise de problemáticas ligadas a metrópoles e a regiões metropolitanas, nos serviços ambientais e ecossistêmicos, nas diferentes formas de comunicação e *marketing* das empresas, da sociedade civil e do Estado, na articulação dos movimentos sociais, entre outras possibilidades. Enfim, a polissemia do termo é um dado relevante para ser considerado na leitura das diversas abordagens dadas pelos autores e autoras dos textos aqui reunidos.

Sabe-se que o cerne do processo de inovação é a articulação de diferentes agentes, atores e sujeitos na resolução de problemas ou de desafios; articulação esta que resulta na criação de algo novo ou substancialmente melhorado. Especialmente na América Latina e nos países ibéricos, a resolução de problemas, o que a tipologia de inovação de Freeman e Perez (1988) denomina inovação incremental e que, de forma semelhante, o geógrafo Méndez (2016) denomina “inovação oculta”, é o elemento central do processo de inovação.

Esse “novo” pode ser constituído de formas diferentes: um produto, um serviço, uma política pública, uma estratégia de desenvolvimento urbano e metropolitano, entre outras. Ainda que as primeiras abordagens sobre a inovação venham do campo empresarial, hoje outras formas de inovações têm recebido significativa atenção nas pesquisas, como as inovações sociais, as inovações em políticas públicas e as inovações financeiras. Interessante destacar que todas elas estão presentes nos textos do Dossiê.



Podemos afirmar que o conjunto desses textos, ao discutir e problematizar a inovação em diferentes contextos e dimensões, aponta para a compreensão da inovação como um processo social de geração e implementação de práticas inovadoras no enfrentamento dos problemas e das condições de vida que afetam a sociedade.

É inegável que, a partir das últimas décadas do século passado, os processos inovadores ganharam forte impulso no contexto da reestruturação produtiva, do advento das finanças como capital hegemônico e dos novos desafios que esse contexto mais amplo impôs ao planejamento dos territórios. Uma verdadeira aceleração inovativa, para usar o termo cunhado por Arocena e Sutz (2003), que se desdobra de distintas maneiras nas relações sociais e na configuração de novos arranjos territoriais.

É, nesse contexto, que emergiu uma série de denominações na tentativa de explicar um novo momento do processo geral de acumulação do capital. Informacionalismo, capitalismo cognitivo, economia do conhecimento ou economia cognitivo-cultural são algumas das expressões utilizadas por diversos autores, de matrizes teórico-metodológicas distintas, e que aparecem nos textos dos autores e autores do Dossiê.

A inovação pode ser considerada uma verdadeira metamorfose das relações sociais, retomando Harvey (2016) e pensando para além do que disse Schumpeter ([1912]1982), pois mobiliza e cria conhecimentos diversos, utiliza e produz recursos tangíveis e intangíveis, integra diferentes agentes em relações de interatividade com expressiva atuação do Estado, promove mudanças significativas no planejamento e gestão do território e imbrica uma série de capitais e de processos de acumulação.

É também uma atividade que evidencia, cria e reproduz conflitos de diversas naturezas, como os que envolvem a relação capital e trabalho, o acirramento da problemática ambiental, questões éticas, relacionadas ao corpo humano e à vida, e de segurança de dados e de perda de privacidade, entre outros. A conflitividade é um aspecto fundamental dos processos de inovação e ela precisa ser evidenciada nas pesquisas que tratam da temática, o que exige do pesquisador e da pesquisadora uma análise atenta e crítica para desmistificar perspectivas dogmáticas e deterministas que encobrem esse elemento fundamental.

Isso significa considerar a relação da inovação com as flexibilizações na produção da indústria e dos serviços, com as relações de trabalho que levam à precarização maciça da classe trabalhadora, com a atuação do Estado ao desregular os movimentos do capital e se articular ao capital privado nas políticas públicas urbanas e territoriais, com a revolução tecnológica e digital e com os problemas relacionados ao imbricamento dos processos de valorização do capital e da capitalização.

Conflitos e contradições que também são evidenciados nas análises da relação território e inovação, em que são abordados processos de concentração, territorialização e constituição de redes de inovação. Vale (2012) afirma que, em praticamente todas as escalas geográficas, a concentração espacial das empresas inovadoras é um dado que evidencia a seletividade territorial do capital inovador e a potencialidade de os processos de inovação impulsionarem o desenvolvimento geográfico desigual.

Além da concentração, o processo de territorialização, em que as empresas inovadoras se apropriam dos recursos materiais e imateriais do território, e a constituição de redes de inovação, sejam locais ou a partir de fluxos mundiais, são outros dois aspectos relevantes da relação território e inovação que aparecem nos textos aqui reunidos

A partir desse conjunto de questões que envolvem diferentes análises e investigações sobre o tema Território e Inovação, os artigos apresentados a seguir foram selecionados para compor esta edição de *Cadernos MetrÓpole*.

O primeiro artigo *Territorios y redes de innovación tecnológica: experiencias en Buenos Aires y Sevilla*, de autoria de María Eugenia Goicoechea, analisa dois parques tecnológicos, o Parque Científico Tecnológico de Cartuja, em Sevilla (Espanha), e o Distrito Tecnológico de Buenos Aires, na capital da Argentina. A análise dos parques parte do pressuposto de que eles se constituem como meios inovadores e que, portanto, possuem a potencialidade de desenvolver processos inovadores de alta tecnologia a partir da criação de um ambiente propício às aprendizagens coletivas, sinergias e redes de inovação e colaboração. A análise realizada pela autora enfatiza trajetórias históricas bastante distintas, além da constituição de processos de sinergia entre as empresas e entre as empresas e as universidades locais também diferentes.

O texto de Gabriel Almeida Antunes Rossini, Suzana Pasternak e Cristina Fróes de Borja Reis, *Dinâmica territorial da indústria de transformação na MacrometrÓpole Paulista (2003-2016)*, analisa também o capital produtivo e industrial, mas voltando-se para a MacrometrÓpole Paulista, região urbana formada por cinco regiões metropolitanas do estado de São Paulo. No artigo, os autores retomam a discussão sobre os processos espaciais de concentração e desconcentração da indústria, valendo-se de um procedimento de investigação inovador que evidencia a centralidade da cidade-região de São Paulo, em especial na produção industrial com maior intensidade tecnológica.

Já o texto de Matheus Viegas Ferrari, *Test, swarm, normalize: how surveillance technologies have infiltrated Paris 2024 Olympic Games*, discute uma série de inovações relacionadas a tecnologias de vigilância que estão sendo empregadas no contexto da segurança pública dos Jogos Olímpicos de Paris, de 2024. O autor tensiona a relação entre o capitalismo de vigilância e a atuação de empresas privadas que se aproveitam do contexto do megaevento esportivo para implementar inovações tecnológicas e legislativas na vida cotidiana da cidade.

As empresas localizadas em ambientes de inovação no Rio Grande do Sul são o objeto de pesquisa do artigo de Felipe Möller Neves, *Cooperação interfirmas na perspectiva de startups presentes em ambientes de inovação gaúchos*. O objetivo do texto é questionar se os ambientes de inovação, espaço em que as empresas possuem proximidade geográfica, potencializam as relações de cooperação e a realização de processos de inovação. Contrariamente ao conceito muito difundido nas pesquisas que tratam da relação território e inovação, o autor conclui que as empresas localizadas nos ambientes de inovação cooperam mais com outras empresas distantes e conectadas por redes tecnológicas em processos de inovação.

O texto de Miriam Hermi Zaar, *Barcelona, ciudad de innovación y cultura. Las políticas municipales y sus contradicciones*, analisa as políticas públicas municipais de Barcelona, na Espanha, que buscam projetá-la como um importante centro de inovação, de cultura e de criatividade no

contexto europeu. Com a análise voltada para o distrito @22 Barcelona, a autora aponta uma série de contradições nas políticas públicas que evidenciam como esse projeto, para além das questões que envolvem os processos de inovação, relaciona-se também com a valorização do capital imobiliário e financeiro.

A discussão do imbricamento do financeiro com o imobiliário, com base na análise do conceito de Solo Criado, está presente no texto de Maria Lucia Refinetti Martins e Douglas Tadashi Magami, *Solo Criado em São Paulo: terra virtual produzindo espaço e desigualdade*. Os autores discutem como o Solo Criado, um novo instrumento urbanístico regulamentado pelo Estatuto da Cidade, foi estruturante para a proliferação de Operações Urbanas Consorciadas. Com o foco no município de São Paulo, o texto discute os desdobramentos financeiros e do direito urbanístico, constituindo uma análise inovadora da ideia de terra virtual.

O solo urbano é também objeto de análise no artigo *Espaços públicos urbanos no novo Plano Diretor de Ordenamento Territorial de Teresina*, de autoria de Rammyro Leal Almeida, Deisy Nayanny de Brito Silva e Jairo de Carvalho Guimarães, a partir da discussão da forma como os espaços públicos urbanos foram inseridos no Plano Diretor de Ordenamento Territorial de Teresina (PI). Segundo os autores, o Plano Diretor, que disciplina o uso dos espaços urbanos do município de Teresina, ainda que não sem contradições e conflitos, inova ao valorizar o espaço público e relacioná-lo com qualidade de vida social e ambiental da população da cidade.

O texto de Rodrigo Agueda, *Além do Joá: infraestruturas e expansão urbana em direção à Barra da Tijuca*, aborda a expansão urbana do Rio de Janeiro em direção à Barra da Tijuca, por meio da análise da construção do Elevado do Joá. Construído na década de 1970, o elevado, uma inovação em termos de infraestrutura para a época, além de permitir a expansão da urbanização do município fluminense, corroborou, segundo o autor, a construção de imaginários sociais e de novas formas urbanas na cidade.

Com base na discussão sobre a importância das inovações sociais como possibilidades de criar respostas novas e mais efetivas aos desafios enfrentados pela sociedade, *Gestão de desastres no Brasil: inovação por meio da perspectiva de gênero*, artigo de autoria de Julia Lopes da Silva e Patrícia Rodrigues Samora, realiza um debate da Política Nacional de Proteção e Defesa Civil no Brasil e propõe uma série de questões sobre a relação entre a gestão de desastres no Brasil, em especial os desastres relacionados às mudanças climáticas, e a perspectiva de gênero levando em conta as epistemologias do Sul.

O texto de Angela Seixas Pilotto e Mariana Araújo de Matos Novaski, *Indicadores de mobilidade urbana na RMSP a partir da pesquisa OD-Metrô*, analisa a pesquisa de Origem e Destino (OD) de 2007 e 2017, pesquisa esta divulgada pelo Metrô-SP sobre os deslocamentos pendulares diários na Região Metropolitana de São Paulo. Partindo de uma análise comparativa entre os dados dos anos citados, as autoras apontam transformações importantes nos padrões de deslocamentos que são explicadas, em parte, por inovações em termos de políticas públicas de moradia, como o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) e o aumento médio da renda familiar pelo contexto econômico favorável da década de 2010.

Os serviços empresariais intensivos em conhecimento, conhecidos pela sigla em inglês KIBS (Knowledge-Intensive Business Services), nas regiões metropolitanas do estado de São Paulo, são analisados no texto de Erasmo José Gomes, *Serviços empresariais intensivos em conhecimento nas regiões metropolitanas paulistas: panorama 2016-2020*. Segundo uma proposição metodológica original, o autor analisa os dados de número de estabelecimentos e nível de escolaridade dos seus empregados da base nos dados do Caged/Rais, em um recorte temporal de cinco anos (2016 a 2020), caracterizando as atividades de serviços intensivos em conhecimento nas novas regiões metropolitanas do estado de São Paulo.

Em *Paisagem-inovação-política: práticas contra-hegemônicas no Acampamento Cícero Guedes (MST)*, texto de Vanessa Sartori Rodi e Rubens de Andrade, discute-se a inovação como a possibilidade de se constituir como um projeto social e político emancipatório, alicerçado em análise das práticas contra-hegemônicas no Acampamento Cícero Mendes (MT) do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). Os autores apontam que contrariamente às perspectivas hegemônicas sobre a inovação, novos processos econômicos agroecológicos e relações de trabalho de resistência e de valorização de saberes tradicionais podem também ser considerados inovadores.

Mais dois textos, que não compõem o dossiê Território e Inovação, fazem parte desta edição de *Cadernos MetrÓpole*. São os textos *Assimetrias legislativas e déficit democrático na governança interfederativa da RMVPLN*, de autoria de Jairo Salvador de Souza e Paulo Romano Reschilian, que analisa a governança interfederativa da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, no estado de São Paulo, e *O agronegócio e o urbano: migrantes internos e internacionais no Oeste Paulista*, de autoria de Natália Belmonte Demétrio e Rosana Baeninger, que investiga os movimentos migratórios internos e internacionais na região Oeste Paulista, com base na relação entre o agronegócio e o urbano.

Diferentes dimensões, escalas, perspectivas e problemáticas sobre a relação entre Território e Inovação são encontradas nesta edição de *Cadernos MetrÓpole*. Essa heterogeneidade evidencia o alargamento conceitual do entendimento de inovação, incorporando perspectivas para além do campo empresarial. Também é bastante evidente, pelos textos, como os processos inovadores são temas de debates eminentemente multidisciplinares que têm contribuído de forma significativa para o entendimento dos problemas da realidade e das questões que envolvem o incremento dos processos inovadores na metamorfose das relações sociais, como apontado por Harvey (2016) e Schumpeter ([1912]1982).

Regina Tunes [I]

Organizadora

<https://orcid.org/0000-0002-0268-6988>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Rio de Janeiro, RJ/Brasil.
regina.tunes@uerj.br

Referências

- AROCENA, R.; SUTZ, J. (2003). *Subdesarrollo e innovación. Navegando contra el viento*. Madri, Cambridge University Press.
- FREEMAN, C.; PEREZ, C. (1988). "Structural crisis of adjustment: business cycles and investment behavior". In: DOSI, G.; FREEMAN, C.; NELSON, R.; SILVERBERG, G.; SOETE, L. (eds.). *Technical change and economic theory*. Londres, Pinter.
- HARVEY, D. (2016). *17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo, Boitempo.
- MÉNDEZ, R. (2016). Renovar Economías Urbanas em crisis: um debate actual sobre la innovación. *DRd – Desenvolvimento Regional em debate*, v. 6, n. 3, pp. 4-31. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/download/1293/667>. Acesso em: 18 dez 2018.
- SCHUMPETER, J. ([1912] 1982). *Capitalism, Socialism and Democracy*. Londres/Nova York, Routledge.
- VALE, M. (2012). *Inovação, conhecimento e território*. Lisboa, Editora Papagaio.